

Mocidade Cristã

Ano XVII

Janeiro a Março de 1955

Número 66

Escolas Dominicais

José I. Freire, durante sua visita ao Brasil, ofereceu as seguintes sugestões:—

Para evitar o grande barulho e distração dos alunos, em Casas de Oração onde não há salas para as várias classes, diminua-se o número das classes. Os professores que, como resultado dessa diminuição, ficassem disponíveis, poderiam alternar com os outros, dirigindo as classes de dois em dois meses. Em alguns salões pequenos e com muitas classes o barulho é ensurdecedor e o proveito espiritual muito pequeno.

Para evitar que dois secretários ficassem sempre ocupados com a Estatística, sem aproveitarem nada do ensino na Escola, poderia a Estatística ser apresentada só uma vez cada mês, no último Domingo. Não seria necessário mencionar quantos há matriculados e quantos estão ausentes. Interessa mais mencionar quantos estiveram presentes, e qual foi a classe mais numerosa. Estes dados podiam ser anotados por cada instrutor de classe, e também as presenças, para evitar as chamadas de nomes que são sempre demoradas e fastidiosas.

Em cada classe haveria uma caixa ou sacola onde os alunos poriam voluntariamente as suas ofertas. Essas caixas ficariam em poder de um tesoureiro idôneo que, juntamente com outro irmão, que podia ser o Secretário da Escola, contariam o dinheiro. Como se está fazendo atualmente, andando pelas várias classes a colher as ofertas, levando-as para a mesa e

contando-as durante a reunião, não é dignificador para o Evangelho, segundo me parece. Devemos acostumar os crentes desde os bancos da Escola Dominical a darem ao Senhor «sem saber a mão esquerda o que faz a direita». Ora como se faz atualmente, todo o mundo vê o que cada um dá, o que não está certo.

J. I. Freire

Ela fez o que podia

Durante o século passado, provavelmente ninguém fez mais benefícios à humanidade do que o Visconde Shaftesbury, apelidado «O Bom Lorde (Visconde) Shaftesbury». Começou seu serviço para o Senhor nas ruas de Londres entre os pobres e especialmente entre os garotos que andavam aos milhares, meio selvagens. Muitos eram gatunos, sem casa, sem amigos, e quase nus. Ele abriu escolas («Ragged Schools») para ensiná-los e evangelizá-los. Mandou fazer muitas caixas para os rapazes engraxarem as botinas dos transeuntes, com assento para o pé, e escôvas e graxa dentro, agora usadas em todo o mundo. Essa idéia foi providencial. Agora os garotos podiam ganhar a vida honestamente. Shaftesbury também fez grande esforço para melhorar as condições de vida dos operários em todas as classes da indústria e dos meninos que trabalhavam na escuridão das minas de carvão, das mulheres e moças que ganhavam seu sustento na costura, trabalhando mais do que podiam. Sendo visconde, tinha o direito de ser membro da «Casa dos Lordes», que é uma das câmaras legislativas da

Inglaterra. Ali empregava sua eloquência e influência para introduzir leis para melhorar as condições dos operários nas indústrias. As leis, quando em vigor, foram copiadas por outros países, e assim o benefício feito aos humildes na Inglaterra, espalhou-se por todo o mundo civilizado.

Muitas missões para evangelizar, tanto no país como em terras estrangeiras, foram iniciadas no princípio do século passado. O Visconde Shaftesbury era grande amigo e ajudante delas. Era amigo de missionários, como David Livingstone, o explorador e missionário da África.

Como se converteu? Lemos em 1 Cor. 1:16: «nem muitos nobres são chamados». Seus pais eram mundanos, mas tinham uma ama em seu palácio, a qual tomava conta deste filho, chamado Antônio. Ela era uma dedicada crente em Cristo. As criadas domésticas naqueles dias não gozavam de muita liberdade, mas esta ama aproveitou a oportunidade. Com o menino no colo, ela contou-lhe histórias da Bíblia, falou-lhe de Jesus, o Salvador, e orou pela sua salvação. A boa semente caiu em boa terra e, quando ainda novo, Antônio converteu-se. A ama deu-lhe sua Bíblia e o Visconde Shaftesbury disse que era seu maior tesouro e guardou-a até o fim da vida. Ela fez o que podia. Quando evangelizamos crianças devemos pensar nas possibilidades de vidas dedicadas ao serviço do Senhor, quando se converterem.

História dos Hinos

No ano de 1874 dois americanos viajavam de trem de Glasgow para Edimburgo, na Escócia. Os viajantes eram o célebre evangelista Moody e o cantor Sankey, que dirigiam uma

campanha evangelística na Inglaterra e Escócia. Antes de embarcar, o Sr. Sankey comprou um jornal na estação para ler no trem. Reparou um hino, em um canto de página, e leu-o ao seu companheiro. O nome da escritora era Elizabeth Clephane, e o hino contava a história da ovelha perdida do capítulo 15 de Lucas. O Sr. Sankey cortou o hino e guardou-o no bolso.

Na mesma noite Moody pregou o Evangelho em Edimburgo (capital da Escócia), e depois, um bem conhecido ministro presbiteriano falou sobre a ovelha perdida da parábola das «Cem Ovelhas». Era o Dr. Horácio Bonar, autor das palavras originais dos hinos: «Ouvi o Salvador dizer: Vem descansar em Mim» (S.H. 417, e H&C. 99), e «Ouvindo a voz do amor» (H&C. 441). Então Moody pediu a Sankey que cantasse um hino apropriado para o momento. O cantor, assentado ao seu órgão portátil, recordou o hino que lera no trem, tirou-o do bolso e, pedindo direção do Senhor, compôs a música enquanto cantava. O hino assim cantado causou uma impressão extraordinária. Moody, com lágrimas nos olhos, perguntou a seu companheiro onde achara o hino tão tocante. Sankey disse-lhe que era o hino que lera para ele no trem naquele mesmo dia. Foi cantado muitas vezes, depois, durante a campanha lá e na América do Norte posteriormente. O hino encontra-se em muitos hinários ingleses, e foi traduzido para o português por D. Sara Kalley (S&H. 154 e C.C. 39).

Foi escrito para comemorar um acontecimento triste. A escritora, Elizabeth Clephane, era crente dedicada e de boa família. Seu irmão mais novo, que ela amava muito, caiu no vício da embriaguez. Foi a Canadá para começar vida nova, mas

ali caiu outra vez e morreu devido aos excessos. A irmã, Elizabeth, orara constantemente pela salvação do rapaz errante. Quando recebeu a notícia de sua morte, ainda cria que êle achara misericórdia ao fim da vida. Com êste pensamento, escreveu o hino:

«Noventa e nove ovelhas há,
Seguras no curral,
Mas uma longe se afastou
Do aprisco pastoral,
A errar nos montes de terror,
Distante do fiel Pastor».

A escritora faleceu anos antes do descobrimento do hino pelo Sr. Sankey, e antes de êste tornar-se tão popular.

História dos Judeus

(continuação)

Depois da morte de Alexandre Magno e a divisão do seu império entre seus quatro generais, Ptolomeu I, rei do Egito, conquistou a Palestina e levou uma multidão de judeus e samaritanos para o Egito. Ali a rivalidade entre as duas nações continuava. Os judeus enviavam suas ofertas a Jerusalém, mas os samaritanos ao templo em Gerizim. Já mencionamos a tradução do Velho Testamento para o grego (a Setuaginta) no reinado de Ptolomeu II. Este rei colecionou centenas de milhares de livros para sua grande biblioteca, e ficou tão satisfeito com o trabalho dos «Setenta» que concedeu ainda mais liberdade e privilégios aos patrícios dêles.

Quando os reis da Síria tomaram a Palestina, e Antíoco Epifanes reinava, os samaritanos eram mais submissos do que os judeus e mostraram mais vontade de ser «helenizados», a fim de agradar aos governadores gregos. Josefo acusa-os de terem escrito ao rei Antíoco como «o deus

Epifanes», dizendo que não tinham qualquer parentesco com os judeus, e sugerindo mudar o nome de seu templo em Gerizim para «Templo de Júpiter Helenius», o nome do deus principal dos gregos. Assim os samaritanos evitaram muito da perseguição que os judeus sofreram.

Durante o reinado de Antíoco Epifanes (176-164 A.C.), muitos judeus fugiram para o Egito, onde foram bem recebidos pelo rei Ptolomeu VI (chamado Filometor). Entre êstes, Onias IV (filho do Sumo Sacerdote) foi morar em Alexandria. Êle escreveu ao rei e à sua espôsa, Cleopatra, pedindo licença para edificar um templo a Jeová no Egito, num lugar chamado Leontópolis, onde existira um velho templo pagão. O rei consentiu porque era um dos mais bondosos da família. O templo foi construído no mesmo plano do de Jerusalém, mas numa escala menor, e com tôda a mobília semelhante à do original. Havia sacerdotes e levitas descendentes da família sacerdotal. Assim foi inaugurado o serviço no Egito. Os judeus da Palestina não olhavam favoravelmente para o templo rival no Egito.

Os samaritanos do Egito ficaram muito invejosos, e queriam um templo como o que existia em Gerizim. Pediram ao rei que julgasse entre êles e os judeus, e provariam que o templo de Gerizim era ordenado por Deus e o de Jerusalém era falso. O rei consentiu ouvir uma discussão, acompanhado por alguns conselheiros. Combinou-se que dois oradores de cada lado defenderiam o seu culto e templo: os que perdessem seriam executados. Os judeus provaram que seu templo era o mais antigo, era reconhecido em todo o mundo, e possuía o sacerdócio escolhido por Jeová. O rei deu seu veredicto em favor dos judeus, e os dois oradores samarita-

nos foram mortos. O templo dos judeus no Egito continuou durante séculos, e homens como Apolo teriam freqüentado os serviços ali (Atos 18: 24 a 28).

Outro Rei

Duzentos anos depois do julgamento do rei Ptolomeu sobre a questão dos templos em Jerusalém e Gerizim, outro Rei, assentado num poço perto do Monte Gerizim, conversando com uma samaritana sobre a mesma questão, disse: «Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos». Mas este Rei não era como o rei do Egito, porque disse aos que queriam destruir os partidários do culto de Gerizim: «Vós não sabeis de que espírito sois, porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las» (Lucas 9:56).

Profetas Menores

OSÉIAS (787 A.C.) pregou às dez tribos, às vezes dando-lhes o nome de «Efraim». Avisou ao povo da proximidade do juízo e de que seria levado ao cativeiro pelo rei da Assíria. «Efraim», porém, não deu ouvidos, e porque estava «entregue aos ídolos» Deus entregou o povo aos assírios.

JOEL (800 A.C.) pregou aos judeus em Jerusalém, que chamou «Sião» e ao povo «os filhos de Sião». Embora sofresse terrivelmente com a invasão de locustas, profetizou da abundância de bênçãos futuras.

AMÓS (787 A.C.) predisse o castigo de Deus contra Israel, principalmente contra as dez tribos.

OBADIAS (587 A.C.) predisse o castigo de Deus contra os edomitas por causa da atitude odiosa ao seu «irmão» quando levado ao cativeiro por

Nabucodonozor. Eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó (Israel). Os edomitas regozijaram-se ao verem as calamidades dos seus «irmãos», os judeus.

JONAS (587 A.C.) pregou em Nínive, depois da sua desobediência e experiência no ventre da baleia, de tal maneira que os ninivitas se arrependeram.

MIQUEIAS (750 A.C.) profetizou nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. Anunciou o juízo de Deus sobre seus pecados e as promessas de bênçãos futuras.

NAUM (713 A. C.) profetizou contra a Assíria durante o tempo em que seu rei acabou de levar ao cativeiro as dez tribos de Israel, e Senaqueribe invadira Judá, no tempo de Ezequias. Nínive se arrependera depois da pregação de Jonas, mas cem anos depois praticava crueldades contra Israel e outros países. Naum predisse a destruição da grande cidade Nínive, a maior do mundo naquele tempo. Era cercada de muralhas com léguas de comprimento por onde seis carros podiam andar juntos. A profecia foi cumprida, de modo que durante dois mil anos ninguém soube onde existira a cidade. Há cem anos os arqueólogos descobriram Nínive debaixo da areia. Agora seus monumentos gigantescos adornam os museus das cidades da Europa.

HABACUQUE (635 a 608 A.C.) pronunciou aís sobre várias classes de pecadores.

SOFONIAS profetizou durante o reinado de Josias; falou de juízo sobre os pecados do povo e de promessas de bênçãos futuras.

AGEU (520 A.C.) profetizou durante o reinado de Dário, rei da Pérsia, quando os judeus ficaram desanimados e pararam na construção da Casa

de Deus (o Templo). Em consequência da exortação de Ageu, o povo começou a trabalhar outra vez.

ZACARIAS, contemporâneo de Ageu, profetizou de bênçãos futuras e do castigo sobre os inimigos do povo de Deus.

MALAQUIAS (397 A.C.). Os judeus, depois da restauração do cativo, embora não caíssem outra vez na idolatria, ficaram contentes com o ritual e formalidade, trazendo a Deus sacrifícios defeituosos. Estavam numa atitude semelhante à da igreja de Laodicéia (Apoc. 3:17 a 19). O profeta predisse a vinda de João Batista e do Messias.

Separação e Santificação

Foi este artigo escrito depois de lermos certos jornais, uns a favor, e outros contra, a «Confederação Mundial das Igrejas». A Confederação, em si mesma, talvez não tenha interesse para muitos dos leitores, mas os princípios aqui anunciados aplicam-se a toda a nossa comunhão fraternal.

Sabemos que Deus não reconhece as Igrejas assim associadas, como «corpos jurídicos», no Reino de Deus. Ele reconhece como os Seus somente os cristãos individualmente que «nasceram de novo». Nosso assunto trata da associação destes crentes com os modernistas hereges, e muitos que não admitem a necessidade de serem nascidos de novo. Um dos presidentes, por exemplo, admite que não crê nas verdades fundamentais da fé cristã.

SANTIFICAÇÃO significa separação do mal para andar em santidade. O Velho Testamento menciona o assunto 100 vezes e o Novo 40 vezes.

De acordo com o Novo Testamento, os cristãos devem andar em santidade moral e espiritual. As últimas epístolas ensinam separação também de pessoas que propagam heresias.

O apóstolo João exortou a «Senhora Eleita» a que não recebesse em casa um pregador que não trazia a doutrina de Cristo, nem tivesse qualquer associação com ele. Tal ensino é muito contra a opinião moderna. Pregadores que negam a inspiração das Escrituras, o nascimento virginal de Cristo, que semeiam dúvidas no espírito de crentes novos acerca dos milagres da Bíblia e até negam as verdades fundamentais da fé cristã, são hoje recebidos em comunhão fraternal e convivência social, por irmãos que professam ser santos na fé. Dizem que devemos mostrar amor fraternal e unidade cristã, sacrificando assim a Palavra de Deus para cumprir estas exortações! Não é fácil separarmos-nos do «homem suave, atraente, afável e erudito, que se diz amigo de Cristo, que prega nos púlpitos e ensina nos colégios, escreve livros profundos e publica artigos nos jornais religiosos».

Concordamos em que separação farisaica ou a atitude de «sou mais santo de que vós» é repreensível. Ainda quando a razão da separação é devida a uma diferença na interpretação das Escrituras, sobre, por exemplo, a administração de ritos ou verdades não fundamentais.

Durante 80 anos, muitos cristãos têm passado uma semana por ano em comunhão espiritual e fraternal na Convenção de Keswick (já descrita em número passado). Ali tenho ouvido com proveito o ministério de pregadores de umas sete ou oito denominações, e gozado comunhão pessoal com crentes de toda parte do mundo. Foi ali, também, que recebi minha «chamada» para deixar tudo e

dedicar a vida inteiramente ao serviço do Senhor. Fui muito influenciado por um discurso pelo Dr. Handley Moule, bispo da Igreja Anglicana, com a qual não tenho qualquer relação. Tenho aproveitado o ministério de outros pregadores da mesma igreja, e conhecia um dos fundadores da Convenção, também anglicano.

No ano de 1920 o «Grande Inimigo», que jamais gostou da Convenção de Keswick (porque fazia estragos no seu reino), resolveu introduzir uma cunha ali, para atrapalhar o movimento. Era o modernismo. Três pregadores foram convidados assim para tomar parte na Convenção e eles eram conhecidos como amigos do modernismo. Um deles teve a honestidade de não comparecer, ouvindo de queixas contra ele. Outro veio e pregou, com muito cuidado, um sermão são mas seco. O terceiro era diretor dum seminário bem conhecido para treinar ministros para a Igreja Anglicana. Assisti à sua pregação. Começou a falar uma língua «meio asdodita» (Neemias 13:24). Veio um protesto enérgico do auditório. Os ouvintes começaram a sair durante o sermão cada vez que saltava uma frase «asdodita» até que só a metade das pessoas ficaram até ao fim. Causou um alvoroço entre aqueles que assistiram ao sermão. Encontrei um diretor da Convenção que me cumprimentou e perguntou: «Está gostando das reuniões?» Respondi: «Sim, tôdas me nos a reunião de hoje. Será um desastre se acontecer outra vez assim.» Ele respondeu: «Sou um dos diretores; não assisti à reunião mas recebi um relatório dela. Pode estar certo que nunca mais isto acontecerá.» E efetivamente nunca mais aconteceu durante os últimos 34 anos. Os diretores fizeram uma limpeza de todos os «asdoditas».

A Convenção assistiam 5.000 cristãos pertencendo a várias denominações, e 500 missionários, representando o trabalho missionário em todo o mundo. Aquela numerosa assembleia, durante a semana, escondeu seus rótulos e aceitou a divisa da Convenção «**TODOS UM EM CRISTO JESUS**». Mas todos entenderam a necessidade da separação de modernistas e não queriam ouvir uma palavra do modernismo. Não ouvimos ninguém dizer: «Que pena afastar pregadores tão eloquentes, tão eruditos, tão afáveis», ou «O arsênico que misturam no pão é insignificante e talvez não nos faça mal». Ninguém chorou por causa da despedida dos modernistas. «Que falta de amor cristão», diriam hoje alguns crentes!

A razão de citarmos este caso é porque alguns jornais e pastores acusam os fundamentalistas de serem barulhentos, mesquinhos, fanáticos, etc. Mas acusar assim 5.000 cristãos que assistiram à Convenção em 1920 seria absurdo. Atribuir motivos e chamar nomes servem somente para confundir a questão. Alguns podem ficar zangados ao provar que dois e dois fazem quatro, mas o resultado matemático não é influenciado pela ira de contestantes.

O Espírito Santo inspirou a Palavra de Deus e qualquer pessoa que negue a Palavra não pode ser dirigida pelo mesmo Espírito.

Se o Dr. Billy Graham, durante as doze semanas da campanha evangelística na Inglaterra no ano passado, tivesse falado doze palavras de modernismo, 120 mil pessoas não teriam assistido à sua última reunião em Londres. Tantos assistiram porque ele pregava o que «a Bíblia diz» (sua frase predileta). O avivamento na Ilha de Lewis (descrito em «Mocidade Cristã» no ano de 1953) não teria acontecido se o modernismo fôsse

pregado ali. Por que? O Espírito Santo, que inspira a Palavra, produz o avivamento e as conversões de almas. Os modernistas falam de «dúvidas intelectuais» e «dúvidas honestas». O Sr. Spurgeon disse que a FÉ não precisa destes adjetivos qualificadores, mas a Dúvida necessita de uma capa para cobrir a vergonha de sua nudez.

Certo livro de leitura infantil contava uma história dum homem que queria ensinar ao filho o perigo de escolher maus companheiros. Tomou três maçãs, uma podre e as outras boas, pondo-as juntas no mesmo prato. Depois de poucos dias, levou o filho para examiná-las. Estavam ali três maçãs podres, porque a estragada contaminou as boas. Assim, «um pouco de fermento faz levedar toda a massa».

O sr. Carlos Spurgeon, o célebre pregador batista, disse:— «Procurar a união à custa da verdade é traição —traição ao Senhor Jesus. A comunhão com o erro conhecido e vital é participação com o pecado.»

Correspondência

Recebemos uma pergunta que pode ser resumida assim: «É proveitoso um pregador pedir a membros de seu auditório levantarem a mão ou irem à frente, mostrando seu desejo para receber Cristo? ou, sendo crentes, indicarem seu desejo de dedicar-se de novo ao Senhor?»

RESPOSTA (Uma reunião evangelística). Temos um exemplo de procedimento semelhante na primeira pregação dos apóstolos (Atos 2:41). Lemos: «Os que de bom grado receberam a sua palavra» foram batizados. Mas devem os evangelistas de hoje seguir este exemplo? As circunstâncias em geral são muito diferentes

hoje. No Dia de Pentecostes o poder do Espírito Santo era muito manifesto, e sem esta condição, a prática de imitar o exemplo dos apóstolos seria capaz de produzir um fracasso. Os evangelistas hoje, às vezes, convidam os interessados, depois da pregação, a levantar a mão ou ir à frente para indicar o desejo de ouvir mais acerca do caminho de salvação, ou confessar Cristo. Depois duma campanha evangelística, quando o Evangelho foi bem explicado, Cristo apresentado, quando há poder espiritual nas reuniões e são preparadas e seguidas com oração, tais apelos têm produzido bons resultados. Devemos reconhecer, porém, certo perigo, pois um «interessado» é capaz de julgar que foi convertido, meramente porque fez uma confissão ou manifestou seu desejo de receber Cristo. Nada feito exteriormente pode tomar o lugar duma fé verdadeira em Cristo. É fácil uma pessoa se enganar. O pregador deve sentir sua responsabilidade e explicar claramente o motivo de seu convite. Pregadores que sempre fazem apelos, sem o terreno ser preparado, sem o poder do Espírito Santo, produzem mais mal do que bem, pois se torna uma formalidade fria e infrutífera.

O caso de apelos aos crentes pertence a outra categoria. Assisti a uma reunião na qual crentes foram implorados a ir à frente para manifestar seu desejo de «dedicar-se de novo». Senti-me mal com o apêlo, porque julgo que o exercício espiritual é sagrado demais para manifestar publicamente, e que deve ser realizado a sós como o Senhor. Isto é mais de acôrdo com o ensino do Senhor (Mat. 6:6,7,8).

As Escrituras apresentam as verdades cristãs objetivamente, a fim de produzir efeito subjetivo. Por exemplo, o apóstolo Paulo, a fim de estimular os cristãos de Corinto a comu-

nicar da sua substância, apresentou o exemplo de Cristo (2 Cor. 8:9). Dizem que foi uma pintura, numa galeria de arte, de Cristo sofrendo na Cruz, com as palavras em baixo do quadro: «Tudo fiz por ti, que fazes tu por Mim?» que tanto impressionou o Conde Zinzendorf (fundador das missões dos moravianos) que ele resolveu dedicar a vida ao serviço do Senhor. Se o ministro da Palavra apresentasse as verdades cristãs com poder, não precisaria fazer apelos aos crentes para «dedicar-se de novo», porque a pregação terá o efeito de produzir o desejo. No caso de sentir que deve exortar sua congregação assim, será melhor aconselhar o povo a procurar a presença do Senhor a sós.

PERGUNTA 2. Alguém quer saber como se deve tratar um jovem pertencente a uma congregação fundamentalista, que por associação com membros duma congregação modernista, fica contaminado, ou possuído de «dúvidas intelectuais».

RERPOSTA. Na Inglaterra os carros que levam passageiros na estradas de ferro são divididos em compartimentos, e certos destes têm um aviso nas janelas: «E' proibido fumar». A atmosfera é mais fresca nestes compartimentos do que nos outros dos fumantes. Temos visto um fumante entrar e, apesar do aviso na janela, começar a «queimar seu ídolo». Os outros passageiros ali sugerem que o fumante que quer gozar seu vício, deve mudar-se para outro compartimento onde é lícito fumar. Podemos aplicar esta parábola ao jovem viciado com «dúvidas fatais», sugerindo que seria mais honesto se ele se mudasse para a congregação onde aprendera suas dúvidas. Senão ele há de contaminar a congregação fundamentalista, porque a Escritura diz: «Um pouco de fermento faz levedar toda a massa» (1 Cor. 5:6).

O SUAVE EM SALMOS DE ISRAEL

Pela manhã bem cedinho
Na adormecida Belém,
Ouviu-se o eco da harpa
De Davi, tocando além.

Sob a luz da bela aurora
Que vê brilhando no céu,
Pelos caminhos do prado
Conduz o rebanho seu.

E quando o sol ia a pino,
Sob as frondes de Belém,
Este poeta cantava
Um hino ao seu Sumo Bem.

Quanto ao Senhor estimava
De todo o seu coração,
Este poeta expressava
Na sua linda canção!

Té mesmo as suas ovelhas
Deitadas junto ao pastor,
Parecem gostar de ouvi-lo
Cantar seus hinos de amor.

E quando à tarde formosa,
Vem Vespertina brilhar,
Traz novamente o rebanho
Para dormir . . . descansar.

Mirando o céu estrelado,
O ruivo e formoso cantor,
Tangendo a harpa, esta ode
Canta ao seu Deus Criador:

«Os céus declaram a glória
Do Onipotente Jeová,
Anunciando os Seus feitos
O firmamento está.»

M. L. de Araújo

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade